

Mulheres, a casa e a pandemia: a religião como sentido e esperança

*Women, the house and the pandemic:
religion as meaning and hope*

Carolina Teles Lemos

Resumo

Se tem algo que deixará marcas em nossa vida e sociedade atuais, nestes anos de 2020 e 2021, é a situação de pandemia, causada pelo COVID-19 que estamos vivenciando. A presença de tal situação chama para uma intensa busca de sentido, para que possamos nos situar e manejar as dificuldades que a nós se impõe por tal situação. Este artigo visa apresentar uma análise de parte desse fenômeno: da relação entre o enfrentamento da pandemia causada pelo COVID-19 e a busca pela religião, por parte das mulheres no Brasil, considerando o contexto de patriarcado característico de nossa cultura atual. Para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica, onde levantamos as principais características das relações de gênero no Brasil, destacando-se o patriarcado; buscamos em artigos publicados em periódicos especializados e em sites de movimentos sociais que trabalham com mulheres, dados que apresentam informações sobre a incidência e as consequências da presença da pandemia na vida das mulheres. Parte-se do pressuposto que, como em outros aspectos de suas vidas, as crenças e práticas religiosas das mulheres, principalmente se efetivando no âmbito da casa, se intensificaram nestes tempos, uma vez que também se intensificaram as situações que representam necessidades de sentido por elas enfrentadas.

Palavras-chave: Religião. Mulheres. Casa. Pandemia





Abstract

If there is one thing that will leave marks in our current life and society, in these years 2020 and 2021, it is the pandemic situation caused by COVID-19 that we are experiencing. The presence of such a situation calls for an intense search for meaning, so that we can situate ourselves and manage the difficulties that are imposed on us by such a situation. This article aims to present an analysis of part of this phenomenon: the relationship between coping with the pandemic caused by COVID-19 and the search for religion by women in Brazil, considering the context of patriarchy characteristic of our current culture. To this end, we conducted a bibliographical research, where we raise the main characteristics of gender relations in Brazil, highlighting patriarchy; we searched articles published in specialized journals and social movement sites working with women, data that present information on the incidence and consequences of the presence of the pandemic in women's lives. It is assumed that, as in other aspects of their lives, the religious beliefs and practices of women, especially if effective within the home, have intensified in these times, since situations that represent meaning needs faced by them have also intensified.

Keywords: Religion. Women. Home. Pandemic

Introdução

Sá, Werlang e Paranhos, retomando o pensamento de Moreno, afirmam que “o estado de crise é limitado no tempo, quase sempre se manifestando por um evento desencadeador, e sua resolução final depende de fatores como a gravidade do evento e dos recursos pessoais e sociais da pessoa afetada”.

¹ As mesmas autoras, referindo-se, então, às afirmações de Liria e Veja, consideram que “o desenlace de uma crise pode ameaçar a saúde mental [...] e constituir-se em um risco, aumentando a vulnerabilidade da pessoa para transtornos mentais”. ² Em consonância com o pensamento das autoras e relacionando-o com o contexto de pandemia atual, pensamos que tanto do

¹ SÁ, S. D; WERLANG, B. S. G; PARANHOS, M. E., Intervenção em crise, p. 3.

² SÁ, S. D; WERLANG, B. S. G; PARANHOS, M. E., Intervenção em crise, p. 3.

ponto de vista individual como social, estamos vivenciando uma profunda crise, em que o evento desencadeador é a própria pandemia, e a resolução final ainda nos é desconhecida, devido a inúmeros fatores correlatos a ela que se fazem presentes no atual contexto.

Com a presença da pandemia, ocorreram drásticas mudanças em nossas vidas pessoais e sociais. Tal situação colocou-nos as seguintes questões: o isolamento social é sentido de forma diferente por homens e por mulheres? Em caso afirmativo, é possível traçar uma relação com o patriarcalismo estrutural que marca nossa cultura? Se sim, como as mulheres estão encontrando sentido e esperanças, para suportarem as consequências e sequelas dessa pandemia? O que ocorre com as crenças e as práticas religiosas das mulheres nesse contexto?

Visando responder a essas questões, este artigo apresenta uma análise de parte desse fenômeno: da relação entre o enfrentamento da pandemia causada pelo COVID-19 e a busca pela religião, por parte das mulheres, considerando o contexto de patriarcado característico de nossa cultura atual. Para tal, realizamos uma pesquisa bibliográfica, onde levantamos as principais características das relações de gênero na atualidade, destacando-se o patriarcado; buscamos em artigos publicados em periódicos especializados e em sites de movimentos sociais que trabalham com mulheres, dados que apresentam informações sobre a incidência e as consequências da presença da pandemia na vida das mulheres.

A partir de dados coletados em publicações de redes sociais, inferimos como as mulheres estão recorrendo à religião como uma das formas de significação e de enfrentamento da pandemia. Entendemos que a intensificação das crenças e práticas religiosas das mulheres neste período aponta para a sobrecarga de responsabilidades e de trabalhos que sobre elas recaem, em tempos de pandemia e em uma estrutura social patriarcal.

1. A casa em uma estrutura social e política patriarcal

Para compreendermos o contexto atual em que se desenrola o mundo da casa, vamos iniciar por apresentar a categoria gênero, pois nesse micro espaço, as relações de gênero explicitam toda sua complexidade. O Gênero, este “conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana”³ já vem sendo

³ RUBIN, G., O tráfego de mulheres, p. 2 e 23.

discutido tanto nos movimentos de mulheres como nas universidades ou outros espaços de produção teóricas desde algumas décadas atrás.

A lógica da reflexão sobre o gênero é a concepção de que “os sistemas de sexo/gênero não são emanções a-históricas da mente humana; elas são produtos da atividade humana histórica”,⁴ ou seja “a diferença entre os sexos é construída socialmente, o que quer dizer que nem a anatomia nem a natureza explicam o domínio das mulheres pelos homens, mas que essa dominação social reinterpreta, utiliza, atribui um sentido à diferença biológica, e em particular, à maternidade e à paternidade”.⁵

A partir dessa percepção, utilizar a categoria gênero em análises sociais significa rejeitar explicitamente as justificativas biológicas para as desigualdades nas relações sociais entre os sexos e colocar “a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade”.⁶

Construídas socialmente, as relações de gênero atuais têm sido marcadas pela violência, ou seja, por atos de violação da liberdade e do direito de alguém (geralmente das mulheres) ser sujeito constituinte de sua própria história.⁷ Na ação violenta o sujeito é tratado como coisa, caracterizando-se pela inércia, pela passividade e silêncio. Silêncio que oculta o medo e a culpa.⁸ No caso de violência de gênero, fazem-se aí presentes aqueles atos de agressão física ou psicológica baseados nas concepções de gênero. Incluem-se aí as ameaças, a coerção ou a privação arbitrária da liberdade, tanto as que ocorrem na vida pública como na privada.⁹ A presença da violência de gênero sempre nos colocou a questão: o que faz com que alguém, geralmente pessoas do sexo masculino, se autorize agredir outra pessoa, geralmente do sexo feminino? Parte da resposta tem sido encontrada quando se analisa mais profundamente em que consiste a categoria gênero.

Visando entender como a categoria gênero pode contribuir para compreendermos a violência perpetrada contra mulheres e como se instala nas famílias e na sociedade relações desiguais entre homens e mulheres, recorremos ao pensamento de Scott. Para a autora, dentre os elementos constitutivos da

⁴ RUBIN, G., O tráfico de mulheres, p. 2 e 23.

⁵ FERRAND, M., Relações sociais de sexo, maternidade e paternidade, p. 61.

⁶ SCOTT, J., Gênero, p. 5 e 14.

⁷ CHAUI, M., Participando do debate sobre mulher e violência, p. 35 e 36.

⁸ CHAUI, M., Participando do debate sobre mulher e violência, p. 35-36.

⁹ UNIFEM, Memórias del Encuentro Continental sobre violência intrafamiliar, p. 17.

categoria gênero, destacam-se os “símbolos culturais colocados na vida social, que evocam múltiplas representações, formando toda uma simbologia em torno do ser homem e do ser mulher e os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos”.¹⁰

Consideramos importante os aspectos acima levantados a partir do pensamento de Scott, pois esses elementos se apresentam como fatores que possibilitam a permanência, em nossa sociedade, de traços patriarcais como uma das características de nossa estrutura familiar e social. E quais seriam essas características? Segundo Weber, “chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas”.¹¹ Nesse sentido, segundo Scott, o patriarcado não designa somente o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. Nessa forma de organização social, as relações são regidas por dois princípios básicos: a) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, b) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos.¹²

Pelo que podemos perceber a partir do pensamento dos autores acima apresentados, há uma estreita relação entre as duas categorias: gênero e patriarcado. Ou seja: além de objetivar desvendar os mecanismos de instituição e manutenção do patriarcado, a categoria gênero vem contribuir para a construção de pistas e mecanismos de superação de tal característica sociocultural. Tanto gênero como patriarcado são categorias articuladas com as concepções de público e de privado. Segundo Okin,¹³ dentre os significados conferidos à distinção público/privado apresentam-se as dicotomias Estado/sociedade e não-doméstico/doméstico. Para a autora, focar na dimensão não-doméstico/doméstico permite desvendar a natureza política da família, a relevância da justiça na vida pessoal e, conseqüentemente, uma parte central das desigualdades de gênero. Ainda assim, “mesmo no interior da dicotomia público/doméstico, permanece uma ambiguidade, resultando diretamente das práticas e teorias patriarcais do passado, que tem sérias conseqüências práticas – especialmente para as mulheres”. Isto porque, segundo Okin:

¹⁰ SCOTT, J., *Gênero*, p. 5.

¹¹ WEBER, M., *Economia e Sociedade*, p. 184.

¹² SCOTT, J., *Gênero*, p. 12.

¹³ OKIN, S. M., *Gênero, o público e o privado*, p. 315.

A divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia desde seus princípios teóricos. Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como “naturalmente” inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família.¹⁴

Destacamos que as teorias apresentadas acima evidenciam que, em nossa sociedade atual, a casa se apresenta como um espaço complexo, onde as relações de gênero nas quais o patriarcado se faz presente, aliadas às concepções de público/privado, não-doméstico/doméstico se entrelaçam, resultando em um modo de vida desfavorável à mulher. Nesse modo de vida, os aspectos que conferem poder reconhecido social e politicamente, como a ocupação de espaços públicos, o domínio das esferas econômicas e políticas são conferidos ao masculino, colocando a mulher em situações de subordinação e de silenciamentos.

2. As mulheres e a pandemia em uma sociedade e família patriarcais

Nas circunstâncias acima apresentadas, a situação da pandemia, como em outras situações de crise, explicitou de forma muito intensa o modo de organização social e familiar em que nos encontramos. Buscando evidenciar melhor essa situação, buscamos o pensamento da jornalista Fernanda Mena, que, em reportagem publicada na *Folha de São Paulo*, começa dizendo que no pior cenário por ela imaginado, naquele espaço, ela colocaria um aviso: “as repórteres, editoras e personagens do texto que ocuparia este espaço, todas mães, não tiveram condições objetivas, sanitárias e humanas para concluírem a proposta inicial. Foi mal. É o que temos pra hoje”.¹⁵

O comentário da jornalista torna explícito que, como afirma Melo, “um dos temas que a covid-19 trouxe à tona para a sociedade brasileira é a presença da divisão sexual do trabalho, onde o trabalho não-pago, realizado para a reprodução da vida no interior das famílias é realizado, na maioria dos casos, por mulheres”.¹⁶ Por esse motivo, como bem afirma a jornalista Aline Ramos,

¹⁴ OKIN, S. M., *Gênero, o público e o privado*, p. 321.

¹⁵ MENA, F., *Pandemia deflagra crise do cuidado e põe em risco conquistas femininas*, p. 1.

¹⁶ MELO, H. P., *A vida das mulheres em tempos de pandemia*, p. 1.



“as mulheres, em especial as mães, passaram o último ano se equilibrando entre uma multidão de tarefas”.¹⁷

Afirma, ainda, Ramos, que no contexto da pandemia, “o espaço de trabalho público invadiu a casa. Com isso, o tempo gasto com atividades profissionais das mulheres se misturou à dedicação aos filhos, à organização do lar, à limpeza e aos cuidados com os outros”.¹⁸ Essa realidade é apresentada em pesquisa realizada pela entidade Gênero e Número e pela Sempreviva Organização Feminista (SOF), na qual se constata que, das “2.641 entrevistadas, 50% passaram a cuidar de alguém na pandemia. Do total, 41% afirmaram trabalhar mais na quarentena. O isolamento social colocou em risco o sustento dos lares de 40% delas”.¹⁹

Outro aspecto que mostrou toda sua crueldade neste tempo foi o aumento significativo da violência doméstica. Somente no primeiro quadrimestre de 2020, no Brasil, o aumento foi de 14%, com o ápice em abril, registrando aumento de 37,6% em relação ao ano anterior. Isso equivale a 37,5 mil denúncias apenas nos quatro primeiros meses.²⁰ Segundo a médica psiquiátrica Sônia Oliveira, “a violência doméstica, psicológica, física ou sexual, é outro dos fatores que infelizmente tem contribuído para uma maior incidência de patologia mental na mulher durante a pandemia COVID-19”.²¹ Para a médica, a violência doméstica vem associada a maior risco de homicídio e suicídio. No contexto da violência doméstica, um outro aspecto mais sutil porque geralmente não considerado violência aparece. Trata-se da sobrecarga de trabalhos referentes aos cuidados com os filhos. Sobre esse aspecto, a psicóloga Simone Paulon afirma que “temos ouvido relatos de mulheres que somaram à carga horária de suas atividades em ambiente virtual, todo trabalho doméstico, as atividades escolares dos filhos e os cuidados com parentes idosos que estão isolados”.²²

Se a violência doméstica e outros marcadores das desigualdades de gênero em desfavor das mulheres se tornaram mais explícitos nas rotinas diárias

¹⁷ RAMOS, A., Pesquisa mostra que, apesar de homens morrerem mais, as mulheres são mais impactadas no dia a dia da pandemia, p. 1.

¹⁸ RAMOS, A., Pesquisa mostra que, apesar de homens morrerem mais, as mulheres são mais impactadas no dia a dia da pandemia, p. 1.

¹⁹ PIVA, B., Jornal do Comércio homenageia as mulheres em seu dia internacional, p. 1.

²⁰ COMOLI, E.; CAMPOS, K., Pandemia impacta mais a vida das mulheres, p. 1.

²¹ OLIVEIRA, S., Ser (super)mulher em tempos de pandemia, p. 1

²² PAULON, S., Pandemia impacta mais a vida das mulheres, p. 1.

das mulheres nestes tempos de pandemia, uma categoria de profissionais, as pesquisadoras, receberam “sua cota” de sobrecarga, resultando em prejuízos em suas demandas profissionais. Os dados abaixo expressam essa realidade:

Levantamento recente do projeto brasileiro Parent in Science indica que 40% das mulheres sem filhos e 52% das mulheres com filhos não concluíram seus artigos neste período. No caso masculino, apenas 20% dos que não tinham filhos e 38% daqueles que os tinham experienciaram a mesma situação. A média de manuscritos tendo mulheres como primeira autora foi de 37% entre 2016 e 2020, mas caiu para 13% neste 1º trimestre de 2020.²³

Embora os dados sejam alarmantes, não são novos. O vírus não cria as desigualdades, apenas escancara e intensifica aquelas já existentes. Ou seja, a pandemia deixou evidente a pouco falada crise do cuidado em nosso país. Nas palavras de Maria Martha Bruno, diretora de um dos setores do grupo Gênero e Número: “Historicamente, os cuidados são uma responsabilidade da mulher. É uma complicação que não é discutida nem na esfera pública nem na privada”. Esse fator foi confirmado neste período de pandemia.

De nosso ponto de vista, as situações acima apresentadas representam apenas a ponta de um *iceberg* nas profundezas do qual as desigualdades de gênero e a presença do patriarcado podem apresentar toda sua complexidade e gravidade. Nesse quadro, é preciso estar atento a todos os aspectos que a realidade da pandemia coloca à já tão dura rotina da vida das mulheres. É nesse contexto que o perfil religioso delas se torna explícito.

3. A religião como fonte de significados, confiança e esperança em um “mundo” despedaçado

Ao analisarmos o papel da religião na sociedade, em investigações anteriores,²⁴ a partir da articulação do pensamento de vários autores do campo das Ciências da Religião, afirmamos que entendíamos como:

“Um sistema de símbolos” estruturado, cuja estrutura corresponde à estrutura social na qual está inserida e cujo conteúdo é uma síntese do *ethos*

²³ PAULON, S., Pandemia impacta mais a vida das mulheres, p. 1.

²⁴ LEMOS, C. T.; ECCO, C., Religião, sexualidade e família, p. 5.

de um povo. Mas ela é também, graças ao seu efeito de consagração ou de legitimação de diferentes situações, um sistema de símbolos estruturante, e por esse motivo ela delimita o campo do que pode ser discutido em oposição ao que está fora de discussão.²⁵

Por esse motivo, ela é um elemento privilegiado, para compreendermos as relações de gênero e seus desdobramentos em tempos de pandemia. Expressando a importância de se estabelecer uma relação entre o fator religioso e as relações de Gênero, diversos estudos já foram realizados por pesquisadoras de renome. Dentre os tantos estudos sobre a temática, destaco quatro dossiês, que reuniram contribuições de renomadas pesquisadoras. Trata-se do dossiê Gênero e Religião, publicado na Revista Estudos Feministas, que trata prioritariamente das relações internas às diferentes instituições religiosas, destacando-se os diferentes espaços nelas ocupados por mulheres e homens, analisadas à luz da categoria gênero; e de três dossiês sobre Desigualdades de Gênero e Religião, publicados pela REVER - Revista de Estudos da Religião, em três volumes separados, sendo dois em 2005 e um em 2011.²⁶ Essas pesquisas se referem às complexas relações ao interno das religiões, entre as mulheres e o púlpito ou outros espaços de relações de poder religioso. Apresentamos, abaixo, algumas das ideias sobre a relação entre gênero e religião presentes nos referidos dossiês.

Bernardo, ao analisar a relação entre a religião e gênero no candomblé, explicita que nessa religião o poder é matrilinear. Para isso, ela traz presente a explicação dada por uma mãe-de-santo tradicional, para o fato de que, em seu terreiro, a sucessão siga essa modalidade. Eis a resposta da referida mãe-de-santo: “Olhe minha filha na minha casa só mulher pode ser rainha; Ora por quê? Ela tem mais axé”. E Bernardo continua sua análise, afirmando que nesses casos “o exercício do amor, do afeto – parece desenvolver o axé. Isto é, troca-se o amor por axé. É essa relação determinante no candomblé – a reciprocidade”.²⁷

²⁵ BOURDIEU, P., A economia das trocas simbólicas, p. 45-47.

²⁶ Este dossiê, sobre Desigualdades de Gênero e Religião, foi publicado pela REVER - Revista de Estudos da Religião, v. 11, n. 1, 2011. Este mesmo periódico já havia publicado, em 2005, dois importantes dossiês sobre o tema REVER - Revista de Estudos da Religião, nos volumes 2 e 3 de 2005. Além desses dossiês, a revista MANDRÁGORA, v. 26, n. 2, 2020, publicada pela UMESP, ocupa-se particularmente com a temática de gênero e religião, reunindo importantes reflexões de renomadas/os pesquisadoras/es sobre o tema.

²⁷ BERNARDO, T., O Candomblé e o Poder Feminino, p. 19.



No mesmo dossiê da REVER, Pimentel foca sua análise em um grupo de mulheres frequentadoras da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), onde, segundo a autora, a presença feminina nos cultos é bastante significativa, chegando mesmo a representar dois terços do total de fiéis. Para Pimentel, nessa Igreja, “a figura da mulher é cheia de nuances e particularidades”. E, continua a autora, “embora o Bispo Edir Macedo faça constantes adaptações em sua doutrina e tenha adotado uma postura menos radical em muitas de suas premissas, no tocante à mulher, a ênfase ainda recai sobre a importância de manter a obediência ao marido e no vínculo do feminino com o Mal”.²⁸

No dossiê publicado pela REVER, em 2011, sobre a mesma temática anterior, Brito apresenta uma análise sobre como se dá a aprendizagem diferenciada para o masculino e o feminino em um colégio católico, o Colégio Sion, do Rio de Janeiro, entre 1949 a 1961. Ela percebe, através da análise das práticas disciplinares diferenciadas para cada um dos sexos que lá aconteciam, como os rituais e as práticas cotidianas dos colégios femininos e masculinos traziam a marca do gênero. Segundo Brito, “enquanto os rapazes deveriam adotar uma *hexis* de comando na sociedade, as moças deviam aprender a obedecer a seus maridos, na esfera privada, e às autoridades, na esfera pública”. Aprende-se nesses espaços que “a mulher é feita para ceder ao homem e mesmo para suportar sua injustiça. Não reduzireis jamais os jovens do sexo masculino a esse ponto”.²⁹

Trouxemos apenas esses três exemplos de resultados de investigações sobre as relações entre religião e gênero. Os escolhemos por serem emblemáticos das diferentes concepções e posturas em relação às mulheres ao interno das religiões. Se no primeiro caso, que se refere a uma religião de matriz africana, a mulher é vista e atua de forma positiva, como sujeito e líder, nas duas outras igrejas de matriz cristã, a mulher é sujeitada, preparada para ser dominada. Destacamos que essa postura presente nas igrejas de matriz cristã, por ser majoritária em nossa sociedade, muito tem contribuído para a manutenção de relações de gênero desiguais e para a perpetuação do patriarcado. Por esse motivo, em que pese a importância das crenças e práticas religiosas que ocorrem no âmbito das igrejas em seus templos e espaços públicos, neste item, gostaria de me ater a um dos aspectos correlatos a essas relações. Me refiro às crenças e práticas religiosas das mulheres que se realizam no âmbito da casa,

²⁸ PIMENTEL, F. S., *Psiquê nos Domínios do Demônio*, p. 23.

²⁹ BRITO, A. X., *Exame de consciência, sentimento de culpa e formação de um *habitus* feminino*, p. 18.



uma vez que é nesse espaço que a presença cotidiana das mulheres é mais expressiva e aí se concentrou em tempos de pandemia.

Para realizar a análise sobre como estão se dando as crenças e práticas religiosas das mulheres no âmbito da casa no contexto da pandemia, encontramos algumas dificuldades metodológicas sobre como encontrar as informações necessárias. O próprio contexto da pandemia se apresentou como impedimento para encontrar as mulheres, observá-las e/ou entrevistá-las. Restou-nos o recurso à dedução. Autores como Sánchez e Amor,³⁰ Moreno,³¹ Wainrib & Bloch,³² Liria e Veja,³³ abordam os diferentes comportamentos em tempos de crise. Segundo esses autores, nas crises, as pessoas ou grupos não apresentam muitas novidades, em termos de diversidade nos comportamentos e práticas sociais. O que normalmente ocorre é uma intensificação de tais comportamentos. Adotamos essa perspectiva para analisar o comportamento religioso das mulheres na situação de pandemia. A partir dessa consideração, partimos do pressuposto que, no âmbito religioso, possivelmente como ocorreu em outros aspectos da vida delas, não houve alterações significativas nem na modalidade e nem nos motivos das crenças e práticas religiosas. As mulheres apenas as intensificaram. Sendo assim, lançamos as seguintes perguntas: como, normalmente, rezam as mulheres? Quais têm sido, tradicionalmente suas crenças e práticas religiosas? Para quê(m) rezam as mulheres? Onde rezam?

Uma das pesquisadoras que contribuiu com respostas a essas questões foi Rocha. A autora realizou sua investigação junto a mulheres devotas “à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, presentes na novena realizada na Matriz de Campinas, na cidade de Goiânia, Goiás”.³⁴ No decurso de sua investigação, Rocha percebe que, a partir da crença em Maria, como modelo ideal de mãe humana, “homens e mulheres asseguram, sem questionamentos, que a maternidade deve ser um serviço de devotamento a Deus e nesse construto social idealizado pela tradição androcêntrica, as mulheres são infligidas à submissão e à exploração social”.³⁵ Nesse contexto, nos pedidos feitos pelas

³⁰ SÁNCHEZ, J. I. R.; AMOR, J. L. M., *Intervención Psicológica en las Catástrofes*, p. 36.

³¹ MORENO, R. R.; PEÑACOBÁ, C. P.; GONZÁLEZ-GUTIÉRREZ, J. L.; ARDOY, J. C., *Intervención Psicológica en Situaciones de crisis y emergências*, p. 19.

³² WAINRIB, B. R.; BLOCH, E. L., *Intervención en Crisis y Respuesta al Trauma*, p. 17.

³³ LIRIA, A. F.; VEJA, B. R., *Intervención en Crisis*, p. 12.

³⁴ ROCHA, C. V. S., *Maternidade, gênero e Religião*, p. 49.

35 ROCHA, C. V. S., *Maternidade, gênero e Religião*, p. 49.

mulheres à Maria aparece um número substancial de carências, súplicas por emprego, saúde, proteção para filhos, namoro, manutenção de casamento, bênção para familiares e pelas almas de falecidos. Transcrevemos, abaixo, a título de exemplo, alguns desses pedidos:

Eu vou às novenas o tempo todo e peço pela minha família, continuamente; peço por paz, saúde, alegria. Eu agradeço o pão de cada dia, pois sei que Ela está sempre intercedendo a Jesus por cada um de nós que pedimos sua proteção.³⁶

Peço apenas que ela proteja e abençoe a minha família. Pra dizer a verdade, não sei nem o que pedir; estamos passando por tantas dificuldades, pois o meu esposo não tem emprego [...] eu acabei de dar à luz, e ele, estando desempregado, a gente sofre. Justo agora que tenho uma outra filha, e estamos tentando resolver nossa vida, para não depender tanto dos outros.³⁷

Em uma outra expressão religiosa, no âmbito das religiões afro-brasileiras, Menezes,³⁸ em pesquisa realizada sobre as diferentes maneiras de homens e mulheres se relacionarem com os recursos mágicos aí propiciados, mais particularmente sobre o jogo de búzios, faz interessantes descobertas sobre essa prática e as questões relacionadas com a vida cotidiana. Segundo Menezes, nesse campo do atendimento religioso as questões familiares e amorosas aparecem como funções femininas, evidenciando a sobrecarga de responsabilidades para as mulheres, que arcam com as dificuldades mais complexas dos relacionamentos familiares, dos filhos, do companheiro e até outros membros da família. Destaca a autora que as mulheres geralmente são as que mais saem em busca de soluções via recursos mágicos naquele espaço religioso. Elas o fazem, mesmo que para isso precisem romper, ainda que momentaneamente, com preconceitos oriundos da religião de pertença. É o caso de mulheres que, sejam católicas, pentecostais ou outras denominações, procuram esses serviços quando estão com filhos doentes, ou com problemas graves de drogas, com dificuldades no casamento e relacionamentos familiares.

³⁶ I. B., dona de casa, 56 anos, em depoimento concedido à Rocha. ROCHA, C. V. S., *Maternidade, gênero e Religião*, p. 54.

³⁷ K. C. A., estudante, 17 anos, em entrevista concedida à Rocha. ROCHA, C. V. S., *Maternidade, gênero e Religião*, p. 125.

³⁸ MENEZES, N., *Comprando feitiços*, p. 130.

O Babaxongo,³⁹ ao responder sobre quem e porque mais o procuram, respondeu que:

A verdade é que noventa por cento das pessoas que procuram o jogo são mulheres. Além de questões com filhos e outros familiares, a maioria busca soluções para relacionamento amoroso. Os clientes masculinos buscam solução profissional, negócios em geral.⁴⁰

Para Wilma de Oyá, de Porto Velho, sacerdotisa da nação Ketu,

As mulheres sempre buscam pelo viés religioso o bem-estar dos filhos, e muitas vezes outros membros da família como pai, mãe, irmãos, e ainda o relacionamento afetivo-sexual. Depois disso, a saúde e o trabalho. Já, para os homens o trabalho aparece em primeiro lugar, depois a família e a saúde.⁴¹

A partir das informações acima, uma primeira descoberta na busca de respostas às questões postas é que, tradicionalmente, as crenças e práticas religiosas das mulheres já apresentava, como motivo principal, as questões relacionadas ao mundo da casa. Como elas quase nunca foram bem vindas nos púlpitos ou outros espaços de destaque em seus templos religiosos; como elas já, em seus cotidianos, se ocupam majoritariamente com as questões relacionadas com a reprodução da vida no âmbito da casa; como elas, tradicionalmente, dedicam significativa parcela de suas vidas aos cuidados de pessoas (filhos, maridos, sogras, mães, avós, netos, outras pessoas doentes e/ou necessitadas), e esses cuidados geralmente acontecem no âmbito da casa, a presença da pandemia, nesse sentido, não alterou muito a vida das mulheres nesses aspectos e nesse espaço. Mas, sim, ela intensificou a necessidade de atenção, de cuidados e de envolvimento físicos e emocionais em relação a essas pessoas e situações. Se essa situação representou sofrimento às mulheres? A resposta é sim. Em que essa situação se relaciona com as crenças e práticas religiosas das mulheres? Certamente ela exigiu das mulheres uma intensa busca de sentido, pois, como afirma Geertz:

A perplexidade, o sofrimento e um sentido de paradoxo ético obstinado, quando se tornam suficientemente intensos ou suportados durante muito

³⁹ Sacerdote Babaxongo, do IFA, que também exerce a função de comerciante na cidade de São Paulo. MENEZES, N., Comprando feitiços, p. 131.

⁴⁰ Babaxongo, em entrevista concedida à Menezes. MENEZES, N., Comprando feitiços, p. 134.

⁴¹ MENEZES, N., Comprando feitiços, p. 134.



tempo, são todos eles desafios radicais à proposição de que a vida é compreensível e de que podemos orientar-nos efetivamente dentro dela, através do pensamento (desafios que qualquer religião que pretenda subsistir tem que enfrentar, por mais primitiva que seja).⁴²

E Nunes diz que “as mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas”. Esse fator faz com que o investimento da população feminina nas religiões se dê “no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso”.⁴³

O pensamento de Geertz e de Nunes nos permitem compreender que o modo das mulheres enfrentarem os males da presença da COVID e seus correlatos no cotidiano de suas famílias não difere do modo como geralmente se enfrenta qualquer crise: procura-se os mesmos recursos de enfrentamento, de superação, de construção de sentidos e de manutenção da esperança. Um desses recursos que as pessoas, de modo geral, e as mulheres, em particular, têm buscado é a religião. Como vamos percebendo ao longo deste artigo, vida cotidiana, casa, espaço doméstico, vida de mulheres se fundem em uma única forma de vida que a religião, devido ao seu potencial de oferta de significados, contém, expressa, cria e recria.

Segundo Heller,⁴⁴ a cotidianidade consiste no espaço de satisfação das necessidades essenciais do indivíduo histórico e social, compreendendo-se como vida cotidiana “o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos seres humanos em particular, os quais, por sua vez, criam a possibilidade da reprodução social”. Ela é inerente à existência de todo e qualquer indivíduo. E, para Martins⁴⁵ “os grandes embates pela redenção do gênero humano de suas limitações e misérias estão sendo readaptados a esse novo território da vida e do viver”.

Entendemos que é no âmbito da vida cotidiana, no espaço da casa, que se desenrola a vida religiosa das mulheres, tanto em outros tempos, como no contexto de pandemia atual. Ou seja, ainda que as mulheres façam suas preces nos templos ou em quaisquer outros espaços físicos, é a vida cotidiana,

⁴² GEERTZ, C., A interpretação das culturas, p. 114-115.

⁴³ NUNES, M. J. R., Gênero e religião, p. 363.

⁴⁴ HELLER, A., Sociologia de la vida cotidiana., p. 19.

⁴⁵ MARTINS, J. S., O senso comum e a vida cotidiana, p. 1.



o mundo da casa, que é levado em suas preces. Como afirma Nunes,⁴⁶ “na sombra ou nos palcos e altares, grande parte das fiéis carrega para a igreja o marido, os filhos, a família, o círculo social e profissional onde atuam”. Nunes continua sua reflexão, levantando as seguintes questões: se nos espaços institucionais da religião, a presença das mulheres continua silenciosa e suas razões não ditas, “por que há tantas mulheres ‘em busca de Deus’? O que as religiões dão às mulheres e o que elas dão às religiões? Como explicar o forte apelo que o âmbito religioso provoca nas mulheres? O que as mulheres buscam e o que encontram nas diferentes religiões?”⁴⁷

Compartilhamos com Nunes dessas indagações. Destacamos que nos foi muito difícil construir tentativas de respostas às mesmas. No caso desta reflexão, a vida cotidiana se apresenta com algumas particularidades: estamos em tempos de pandemia. E neste caso, articulada às tradicionais concepções, relações e vivências de gênero, patriarcado, espaço doméstico, temos este agravante. Por conseguinte, também a qualidade e intensidade na busca de sentidos também sofre alterações. Sobre esse tema, em investigações anteriores, destacamos que:

Entre os traços comuns observados nas concepções de saúde/doença e campo religioso, pode-se perceber que, independentemente da forma que tomam as diferentes expressões religiosas e os rituais de cura percebidos no campo religioso brasileiro, todos relacionam a doença como algo indesejado por Deus e fora de seus planos, portanto, coisa muito mais próxima dos atos realizados pelos espíritos do mal ou de acordo com a vontade destes. Em diversas expressões religiosas analisadas naquela investigação, a doença se apresenta como fator de desordem, de caos assustador, de algo que necessita ser retirado da realidade da existência humana para que esta volte a se tornar compreensível.⁴⁸

No caso desta investigação, além dos aspectos anteriores, a menção a diferentes formas de expressão do sagrado dá destaque à crença de que as entidades e/ou energias podem se fazer presentes para curar, restabelecer o equilíbrio perdido, iluminar e sustentar os processos de cura. É uma concepção mais proativa da religião. O foco nos depoimentos tem se centrado

⁴⁶ NUNES, M. J. R., Gênero e religião, p. 363.

⁴⁷ NUNES, M. J. R., Gênero e religião, p. 363.

⁴⁸ LEMOS, C. T., Religião e saúde, p. 592.

na esperança, mais que na expulsão do mal. Relato apenas um exemplo de situação ocorrido em um grupo de WhatsApp, composto por mulheres, do qual faço parte. O pedido de orações foi postado com o seguinte conteúdo: “Queridas, por favor necessito de orações por uma sobrinha minha que está passando por um momento delicado de saúde. Está com COVID, em estado grave. Ela é mãe de 3 crianças bem pequenas”.

As reações ao post foram as seguintes: “Nossa Senhora da Saúde está visitando sua casa e curando todas as enfermidades”; “enviei um Reiki (apareceu 5 vezes)”; “vamos nos unir a São José que com certeza vela por nossas necessidades. São José velai pelas necessidades de [...] rogai por ela. GRATIDÃO... São José”; “oi, estou fazendo a novena das muralhas, tenha certeza que vai dar tudo certo. Recebam a bênção de Deus. Deus no comando!!!!!!”; “vibrando cura”; “DEUS é Misericordioso. Sim, vai ouvir e atender nossos pedidos”; “energias de saúde e proteção”; “o Anjo da Guarda está cuidando dela”; “te envio luz!”.

Estes depoimentos podem ser entendidos à luz do que afirma Geertz, ao se referir à problemática que a religião enfrenta ao tratar com a questão do sofrimento. Para ele, “como problema religioso, o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável”. Segundo este autor, “aqueles que forem capazes de adotar os símbolos religiosos obterão uma garantia cósmica tanto para sua capacidade de entender o mundo, como para darem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente”.⁴⁹

Poderíamos terminar esta reflexão de uma forma um tanto romântica, afirmando quão importante é a família e como as mulheres aí são importantes. Como o espaço doméstico possibilita a elas expressarem toda sua generosidade, a força de sua fé e de sua esperança. Preferimos problematizar o contexto da pandemia e a centralidade do espaço doméstico que ela impõe. A pergunta feita aqui é: por que as mulheres? As responsabilidades por essa mesma “grandeza” do mundo da casa não poderiam ser compartilhadas de igual modo entre mulheres e homens?

⁴⁹ GEERTZ, C., *A interpretação das culturas*, p. 119.

Por que consideramos importante essa problematização? É porque, segundo Okin, “apenas se um alto grau de igualdade for mantido na esfera doméstica da vida familiar esta estará sendo concebida como uma esfera privada consistente com a privacidade e a segurança socioeconômica de mulheres e crianças”.⁵⁰ Isto porque, como afirma a autora:

O que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune em relação à dinâmica de *poder*, que tem tipicamente sido vista como a face distintiva do político. Nem o domínio da vida doméstica, pessoal, nem aquele da vida não-doméstica, econômica e política, podem ser interpretados isolados um do outro.⁵¹

No entanto, esse mesmo contexto tem apresentado a possibilidade de que o próprio mundo da casa seja ressignificado, devido à presença contínua do masculino, geralmente ausente desse espaço e, que, agora, nesse contexto, precisa reconhecer as características de sua rotina e encontrar sua forma de inserir-se nela.

Conclusão

Situações de crises estão sempre presentes na história da sociedade em geral e das pessoas em particular. Catástrofes, sejam naturais ou provocadas, são noticiadas com frequência. Independentemente da forma como ocorrem, elas têm em comum vários aspectos, como a imprevisibilidade com que surgem, as razões de origem pouco controlável, os resultados negativos que deixam e as consequências físicas e/ou psicológicas que geram.

Embora as reações às crises possam ser imprevisíveis, na maioria dos casos, essas situações possibilitam às pessoas e à sociedade mostrarem o que, em si mesmas, há de melhor ou também o que há de pior. Pessoas ou grupos sociais podem se mostrar extremamente generosos, cuidadosos, dedicados e solidários. Mas há também outros que podem mostrar toda sua mesquinhez, seu egocentrismo, sua ganância, seu potencial de violência das mais distintas formas.

As emoções e forças pessoais e sociais que já estavam presentes se aguçam em situações de crise. No caso da pandemia causada pela presença

⁵⁰ OKIN, S. M., Gênero, o público e o privado, p. 314.

⁵¹ OKIN, S. M., Gênero, o público e o privado, p. 314.

do COVID-19, a crise gerada expressa o que já estava presente na cultura, na sociedade, nos macro-espços sócio-políticos e religiosos. Mas ela tem se tornado também bem visível nos micro-espços, como a casa. Nesse micro espaço, o da casa, as nuances das relações de gênero, que já estavam presentes no dia a dia das interações familiares se tornam mais explícitas. Como uma das características de nossa cultura é a de uma organização social, nos moldes patriarcal, as relações que nestes tempos se centralizam no mundo da casa explicitam de forma contundente essa característica.

A presença do modo de vida patriarcal, que já é um traço de nossa cultura mais ampla, também migra para o micro espaço da casa e, via dela, para os outros espaços sociais, solicitando a implementação de políticas públicas e sociais que possam minorar as consequências do patriarcado, que geralmente incidem sobre a mulher. Nesse contexto, as mulheres, além de administrarem sua própria experiência de estar vivenciando essa crise, precisam arcar com as consequências práticas, emocionais, sociais e políticas de todos os membros da família. A vivência dessa situação tem chamado as mulheres para uma intensificação de suas crenças e práticas religiosas.

Destaca-se que esse aspecto da vida das mulheres não é nada novo: tradicionalmente tem cabido a elas as tarefas de cuidados da casa, da saúde física e emocional de seus membros, da administração dos recursos financeiros destinados à sobrevivência, que são muitas vezes parcos e insuficientes. Como essas tarefas têm se apresentado como demasiada para as mulheres, então, tradicionalmente, elas já têm também o hábito de buscar auxílio, força, energia, saúde e melhores condições de vida nas entidades em que creem. A situação de crise somente ampliou, aprofundou e intensificou essas crenças e práticas.

Referências bibliográficas

BERNARDO, T. O Candomblé e o Poder Feminino. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, v. 2, n. 1, p. 1-21, 2005. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BRITO, A. X. Exame de consciência, sentimento de culpa e formação de um *habitus* feminino. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, v. 1, n. 1, p. 13-33, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6028/4374>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: CARDOSO, R. et. al. (Orgs.). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 31-47.

COMOLI, E.; CAMPOS, K. Pandemia impacta mais a vida das mulheres. **Cultura e Sociedade**, v. 18, n. 1, ago. 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/19/pandemia-impacta-mais-vida-das-mulheres>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FERRAND, M. **Relações sociais de sexo, maternidade e paternidade**. [S.l.]: [s.n.], 1987. (mimeografado).

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1989.

HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Península, 1998.

LEMO, C. T. Religião e patriarcado: elementos estruturantes das concepções e das relações de gênero. **Caminhos**, v. 11, n. 2, p. 201-217, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/2795/1709>>. Acesso em: 10 set. 2021.

LEMO, C. T. Religião e saúde: a busca de uma vida com sentido. **Fragments de Cultura**, v. 12, n. 3, p. 479-510, 2002.

LEMO, C. T.; ECCO, C., Religião, sexualidade e família: o caso em que um dos parceiros é soropositivo para o HIV. **Horizonte**, v. 12, n. 34, p. 568-588, abr./jun. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/Dialnet-ReligiaoSexualidadeEFamilia-4793919.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2021.

LIRIA, A. F.; VEJA, B. R. **Intervención en Crisis**. Madrid: Editorial Síntesis, 2002.

MANDRÁGORA, v. 26 n. 2, 2020. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social**, v. 10, n. 1, p. 1-8, 1988. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ts/v10n1/a01v10n1.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

MELO, H. P., A vida das mulheres em tempos de pandemia. **Friedrich Ebert Stiftung**. FES Brasil, 13 mar. 2020. Disponível em: <<https://brasil.fes.de/detalhe/a-vida-das-mulheres-em-tempos-de-pandemia>>. Acesso em: 10 set. 2021.

MENA, F. Pandemia deflagra crise do cuidado e põe em risco conquistas femininas. **Folha de São Paulo, Sessão Cotidiano**, São Paulo, 07 mar. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/03/pandemia-deflagra-crise-do-cuidado-e-poe-em-risco-conquistas-femininas.shtml>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MENEZES, N. Comprando feitiços: as diferentes formas de experimentar a espiritualidade entre homens e mulheres nas religiões. **Mandrágora**, v. 24, n. 1, p. 127-140, 2018. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/view/8796/6310>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MORENO, R. R.; PEÑACOBÁ, C. P.; GONZÁLEZ-GUTIÉRREZ, J. L.; ARDOY, J. C. **Intervención Psicológica en Situaciones de crisis y emergencias**. Madrid: Dykinson, 2003.

NUNES, M. J. R. Gênero e religião. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 363-365, mai/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200009>. Acesso em: 22 mar. 2021.

OKIN, S. M. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**. v. 16, n. 2. p. 305-332, mai/ag, 2008, p. 305-332.

OLIVEIRA, S. Ser (super)mulher em tempos de pandemia. **Executiva – Opinião**, 30 nov. 2020. Disponível em: <<https://executiva.pt/supermulher-tempos-pandemia/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PAULON, S. Pandemia impacta mais a vida das mulheres. **Cultura e Sociedade**, v. 18, n. 1, ago. 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/19/pandemia-impacta-mais-vida-das-mulheres>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PIMENTEL, F. S. Psiquê nos Domínios do Demônio – um olhar sobre a relação entre exorcismo e cura em um grupo de mulheres fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, v. 2, n. 1, p. 22-34, 2005. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_pimentel.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PIVA, B. Jornal do Comércio homenageia as mulheres em seu dia internacional. **Jornal do Comércio – Matão**, São Paulo, 05 mar. 2021. Disponível em: <<https://jcmatao.com.br/jornal-do-comercio-homenageia-as-mulheres-em-seu-dia-internacional/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

RAMOS, A. **Pesquisa mostra que, apesar de homens morrerem mais, as mulheres são mais impactadas no dia a dia da pandemia**. Globo, Sessão Notícias Brasil, 28 fev. 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/pesquisa-mostra-que-apesar-de-homens-morrerem-mais-as-mulheres-sao-mais-impactadas-no-dia-dia-da-pandemia-24902882.html>>. Acesso em: 10 set. 2021.

REVER – Revista de Estudos da Religião, v. 5, n. 2, 2005. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/index.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

REVER – Revista de Estudos da Religião, v. 5, n. 3, 2005. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/issue/view/419/showToc>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

REVER – Revista de Estudos da Religião, v. 11, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2005/index.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, v. 13 n. 2, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-026X20050002&lng=pt>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ROCHA, C. V. S. **Maternidade, gênero e Religião**. Goiânia, 2005. 204p. Dissertação. Faculdade de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/934/1/Celia%20Vieira%20de%20Souza%20Rocha.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

RUBIN, G. **O tráfego de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: Ed. S.O.S. Corpo, 1993.

SÁ, S. D; WERLANG, B. S. G; PARANHOS, M. E., Intervenção em crise. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v4n1/v4n1a08.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2021.

SÁNCHEZ, J. I. R.; AMOR, J. L. M. **Intervención Psicológica en las Catástrofes**. Madrid: Editorial Síntesis, 2005.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: Ed. S.O.S. Corpo, 1991.

UNIFEM. **Memorias del Encuentro Continental sobre Violencia Intrafamiliar**. México: UNIFEM, 1996.

WAINRIB, B. R.; BLOCH, E. L. **Intervención en Crisis y Respuesta al Trauma**: teoría y práctica. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2000.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. UNB, 2000.

Carolina Teles Lemos

Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo

Docente titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Goiânia / GO – Brasil

E-mail: cetelemos@uol.com.br

Recebido em: 25/03/2021

Aprovado em: 22/11/2021